



**CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE
ESCOLA DE EDUCAÇÃO FÍSICA
UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL**

PROJETO GARIMPANDO MEMÓRIAS

ALBERTO RAMOS BISCHOFF

(depoimento)

2005

CEME-ESEF-UFRGS

FICHA TÉCNICA

Projeto: Garimpando Memórias

Número da entrevista: E-110

Entrevistado: Alberto Ramos Bischoff

Nascimento: Não informado

Local da entrevista: ESEF/UFRGS

Entrevistadores: Leon Kaminski

Data da entrevista: 12/05/2005

Transcrição: Vicente Cabrera Calheiros

Conferência Fidelidade: Vicente Cabrera Calheiros

Copidesque: Marco de Carvalho

Pesquisa: Vicente Cabrera Calheiros / Marco de Carvalho

Fitas: (01 fita) 110/01-A e 110/01-B

Total de gravação: 40 minutos

Páginas Digitadas: 12

Catálogo: Vera Maria Sperangio Rangel

Número de registro: 01908/2007/01

Número de registro da fita: 01908/2007/01

Observações:

O Centro de Memória do Esporte está autorizado a utilizar, divulgar e publicar, para fins culturais, este depoimento de cunho documental e histórico. É permitida a citação no todo ou em parte desde que textual e que a fonte seja mencionada conforme especificação abaixo

BISCHOFF, Alberto Ramos. *Alberto Bischoff (depoimento, 2005)*.
Porto Alegre: CENTRO DE MEMÓRIA DO ESPORTE -
ESEF/UFRGS, 2007.

Sumário

Início do envolvimento com a ESEF; início no esporte; cargos que exerceu na Escola; relação com o Centro Olímpico; período como aluno; perfil dos alunos; envolvimento com o Diretório Acadêmico; transformações na estrutura física da Escola; relações entre professores e alunos; projetos de extensão e pesquisa na ESEF; estrutura organizacional da Escola; envolvimento político; fatos pitorescos que ocorreram na Escola.

Porto Alegre, 12 de maio de 2005. Entrevista com Alberto Ramos Bischoff, a cargo do entrevistador Leon Kaminski, para o Projeto ESEF 65 anos do Centro de Memória do Esporte.

L.K. – Professor como iniciou o seu envolvimento com a Escola?

A.B. – Olha Leon, a minha entrada na ESEF¹ da UFRGS² teve um início no ano de 1980 quando eu fiz meu primeiro vestibular que foi para Administração de empresas. Então eu fiz um ano de administração de empresas e, no segundo semestre, eu me questioneei: “O que é que eu estou fazendo aqui?” Porque a minha vida toda foi sempre com desporto. Eu joguei futebol a nível de clube, eu joguei no Teresópolis³, eu joguei no Grêmio⁴ um tempo, mas tudo na categoria juvenil assim, infantil. Então eu tive sempre uma história grande... Seleção de colégio, Cruzeiro do Sul⁵. Enfim, tive uma história grande com futebol principalmente. Então, no segundo semestre de administração de empresas - que eu estou fazendo com matemática financeira entre outros - e eu passei para Educação Física.

L.K. – No vestibular?

A.B. – Não, porque na época tinha as transferências internas de cursos. Então da administração eu pedi uma transferência interna, fiz uma prova prática aqui na Escola e então, a minha entrada na Educação Física aqui da Universidade, foi em 1981.

L.K. – E depois entrou como funcionário?

A.B. – Não. Eu já era funcionário da Universidade desde 1980 também, mas eu trabalhava na Reitoria, tinha um cargo, a minha função era administrativa. Depois em 1986, se não me engano, passei a ter um cargo, não um cargo de assistente de administração, um cargo administrativo e sim um cargo técnico - que tenho até hoje - técnico em assuntos

¹ Escola de Educação Física

² Universidade Federal do Rio Grande do Sul

³ Teresópolis Futebol Clube, fundado em 04 de abril de 1915

⁴ Gremio Foot-Ball Porto Alegrense, fundado em 07 de setembro de 1903.

⁵ Esporte Clube Cruzeiro, fundado em 1913.

educacionais. Então, como esse cargo técnico é um cargo muito amplo, ele tem a minha formação acadêmica, ele se [palavra inaudível].

L.K. – E que cargos você desempenhou aqui na Escola?

A.B. – Olha, até na época da minha parte administrativa na Universidade, eu tive alguns cargos na Reitoria, fui chefe da sessão de licitações da Universidade, eu tive também um cargo na divisão de patrimônio da Universidade, depois fui diretor da divisão de material da UFRGS. A divisão de material era bem interessante, era um setor muito grande, muito forte e eu tinha sob minha responsabilidade três setores importantes também que eram o almoxarifado central da universidade, o setor de licitações e o setor de importações. Na época, a Universidade, o serviço público federal tinha uma situação melhor. Então nós tínhamos muito serviço, porque importávamos muitos equipamentos. A minha passada na Reitoria foi essa. Depois que eu vim para a Escola - isso foi em seguida que eu me formei, que daí eu tinha esse cargo - eu abri mão até de um cargo bom que eu tinha, tinha uma gratificação muito boa. Abri mão disso para seguir meu caminho na minha formação acadêmica que eu sempre tive uma paixão muito grande que é a educação física. Então eu vim para ESEF a convite na época do professor Jayme Werner dos Reis, que ele era o diretor do Centro Olímpico⁶, o famoso peixinho. Eu vim para a ESEF a convite dele, vim direto atuar no centro olímpico na área da natação e então tive meu início na área da educação física desde 1986, no Centro Olímpico. Foi o meu início das atividades na Escola.

L.K. – E a tua formação pessoal com esporte dentro da Escola depois, poderia falar um pouco mais sobre isso?

A.B. – É, a minha formação como eu te falei, sou formado, fiz esse tempo de administração de empresas, depois fiz educação física, fiz uma pós-graduação na área de educação física adaptada para pessoas portadoras de necessidades especiais, quais sejam pessoas portadoras de deficiência física, auditiva, visual e mental. Até foi um curso pioneiro na Escola, foi um curso muito bom, de altíssimo nível, aonde os ministrantes eram pessoas de todo mundo, Alemanha, Portugal. Enfim, foi um curso excelente. Então a

minha formação ficou por aí. Trabalhei três anos com pessoas portadoras de deficiência, depois, como eu tenho atualmente o cargo de diretor do Centro Olímpico e tenho alguns projetos também de natação sob a minha responsabilidade, acabei, enfim tomando um outro rumo assim, meio para administração esportiva também. Não dei continuidade com a pessoa portadora de deficiência. Mas, é isso aí.

L.K. – Tu chegou a participar de algum movimento [palavra inaudível], diretório acadêmico, associação atlética, ou movimento dos servidores da universidade?

A.B. – Na época em que eu fiz a ESEF, eu tinha esse cargo na universidade. Então eu trabalhava muito. Lembro até de algumas situações porque eu peguei a época do uniforme, era obrigatório ainda e algumas disciplinas tais como ginástica olímpica, por exemplo, com o professor Saul⁷, era muito rígido. Se, a meia não fosse branca, tu já levava falta, não assistia a aula. Então como tinha, era muita correria para mim, a minha vida era bem corrida, muito trabalho, muitas vezes, eu troquei de roupa dentro carro para pegar uma aula. Então na ocasião, em função da correria, meu envolvimento dentro do possível, eu procurava assim ter uma... Porque eu tinha colegas, como hoje continuam sendo meus colegas, que é o Betão, o Alberto Repold⁸, o Ronei⁹, entre outros. E, na época, nós tínhamos alguma participação, eu tinha alguma participação, mas não muito efetiva. Tinha em função da amizade com colegas que são hoje, mas não tinha uma participação mais efetiva não, a nível de diretório. Quando nós montamos uma vez a seleção da ESEF aqui, participamos de campeonatos, nós tínhamos a seleção, time da UFRGS também, onde uma vez, esses nomes que te falei, entre outros, nós jogamos juntos. Então mais a nível de esporte mesmo, mas um participação mais efetiva politicamente falando, não teria.

L.K. – E como servidor? Como servidor chegou a participar da discussão do movimento?

A.B. – Olha, a minha participação sempre foi... Porque eu sou petista¹⁰ com muita convicção, sempre fui muito militante. Então, quando tinha algum evento, alguma proposta

⁶ Órgão responsável pelo desporto universitário da UFRGS

⁷ Nelson Ruben Saul

⁸ Alberto Reinaldo Reppold Filho

⁹ Ronei Silveira Pinto

¹⁰ Partido dos Trabalhadores.

que partisse do partido, geralmente eu estava em todas, mas, a nível de movimento estudantil, não tive uma participação. Mas quando era do meu partido, aí sim.

L.K. – Poderia nos dizer um pouco, nesse período que tu esteve na Escola, de 1981 até agora, tu chegou a notar alguma modificação dentro da Escola, estrutural, ou algum grande fato que tenha ocorrido, alguma grande transformação substancial?

A.B. – Olha, eu tenho sim. Tenho uma que eu acho de suma importância que foi o seguinte: eu me recordo que, quando eu vim para a Escola a convite - como eu já te falei - do professor Jayme, naquela ocasião, o Centro Olímpico sempre foi um órgão auxiliar da ESEF, mas ele era um órgão ligado a PRUNI, a Pró-reitoria da Comunidade Universitária, se não me falha a memória. Então o Centro Olímpico tinha uma dotação orçamentária e tinha alguns projetos que eram desenvolvidos dentro da Escola e a parte financeira do Centro Olímpico, tinha uma situação financeira muito boa. Então destoava muito o Centro Olímpico que, ficava aqui mais vinculado ao Centro Natatório¹¹, para o resto da Escola. Isso aqui era, tinha uma situação privilegiadíssima em função de recursos financeiros e a Escola como um todo, tinha uma situação bem delicada. As instalações da Escola eram bem críticas, me recordo que eu ainda peguei aula aonde são as salas de aula hoje de [palavra inaudível]. Lá eram salas, eram de madeira. Tive aula de Judô com o professor Fernando Lemos¹² e, mais de uma vez, tinha um aluno enterrando o pé no assoalho da sala. Então era bem delicado. Dirigindo mais para a tua pergunta mesmo, a primeira grande conquista que nós tivemos, foi a partir da primeira gestão do - que hoje é o diretor ainda, está de novo na direção da Escola - o Ricardo Petersen¹³. O Ricardo teve a primeira gestão, se não me falha a memória, em 1990 ou 1991, não recordo bem. E, quando o Ricardo assumiu - que foi uma coisa que eu fiquei muito feliz pelo convite - naquele ano, no primeiro ano de mandato dele, o Ricardo me convidou para assumir a direção o Centro Olímpico e estou até hoje. Fazendo então assim, um paralelo com a situação que era a ESEF bastante delicada, o Centro Olímpico tinha uma situação financeira muito boa e a grande conquista foi essa. Na primeira gestão do Ricardo, nós terminamos com todas as... Assim, sendo mais objetivo, todos recursos que eram gerados dentro da Escola, como o Centro Olímpico, como algum projeto ou pós-graduação, toda arrecadação financeira foi

¹¹ Setor que compreende as piscinas térmicas da ESEF

¹² Nome sujeito a confirmação

para uma chamada vala comum que nós denominamos como “fundão”, o dito fundão. E, a partir dali, nós começamos a ver as prioridades para a Escola como um todo. Então a tua pergunta é muito pertinente, muito interessante e te digo com muita convicção: a grande conquista nestes últimos quinze anos, foi ter uma proposta de um fundão e um gerenciamento único para tudo. Essa foi a grande conquista.

L.K. – Tu já deu uma breve descrição da estrutura física da Escola quando tu entraste. Poderia, de repente, falar um pouco mais dessas mudanças na estrutura, um pouco mais da estrutura de quando tu entraste para agora?

A.B. – É isso já [palavra inaudível] um pouco antes ali que eu te falei. Eu tive as salas de aula lá nas salas de madeira. Eram até salas, escolas que foram uma proposta pelo já falecido Leonel Brizola¹⁴, que eram os brizolões. Então eram prédios. Isso faz pouco tempo, 1980 ou 1990, vinte anos atrás, mas eram. Então nós tivemos essa grande melhora, foi em estrutura física, em salas de aulas que vocês tem hoje. São uma estrutura bem boa. O ginásio de esportes tem um piso sintético hoje que é de primeiro mundo, um ótimo piso, o LAPEX, Laboratório de Pesquisa do Exercício, um laboratório de ponta, um equipamento de primeira. Funcionava em salinhas ali, aquelas salas que hoje é ainda, hoje é onde funciona o CEME¹⁵. Então o LAPEX era ali e hoje tem um prédio próprio. Te cito também o ginásio 2 que é um ginásio para as modalidades de ginástica olímpica, judô, uma estrutura bem boa também. Teve assim uma melhora considerável. O Ricardo está tentando, uma das metas a ser atingida, espero que nessa gestão do Ricardo, é conseguir uma pista de atletismo nova que eu acho que a Escola está muito bem dentro das condições. Se tu levar em consideração um órgão público, de uma forma geral, está bastante sucateado, os prédios estão bastante largados. Eu acho que a ESEF, nossa Escola tem um situação patrimonial bem diferenciada. Vejo ela muito bem, uma estrutura bem boa dentro dos nossos [palavra inaudível], uma situação financeira bem delicada.

L.K. – Poderia dar um perfil dos estudantes, perfil socioeconômico, sociocultural dos estudantes no período que tu foste aluno?

¹³ Ricardo Demétrio de Souza Petersen

¹⁴ Leonel de Moura Brizola, influente político brasileiro, lançado na vida pública por Getúlio Vargas.

¹⁵ Centro de Memória do Esporte, ESEF/UFRGS

A.B. – Pois é Leon, puxa vida, tento lembrar dos meus colegas, mas é bem delicado fazer assim uma... Reportar ao passado e porque, naquela época, tinha gente que vinha de camionete, tinha gente com uma situação bem boa. Até me recordo que tive colegas com sobrenome Claudia Zata¹⁶. Enfim, vários, tinha pessoas com uma situação bem, não sei se tu estas te referindo a situação financeira.

L.K. – Situação financeira, econômica, cultural também, social.

A.B. – Mas assim, eu não vejo, comparando com as pessoas atualmente, com os alunos atualmente, não sei, eu não vejo assim uma... Eu acho que, na nossa época, tinha uma convicção talvez maior quanto a busca de mudança. Acho que as pessoas entravam com um pouco mais de convicção na questão das mudanças, questões de ordem política, tinha...

L.K. – Mais consciência?

A.B. – Eu acho que sim. Me recordo que outro dia conversava com meu grupo, agora nas eleições para governador, para prefeito, a última de Porto Alegre¹⁷ e fiz algum comentário de ordem política e estou orientando hoje dez acadêmicos. E eu quis dar um engatada, fazer alguns comentários de ordem política e vi que não. Fizeram algumas considerações do tipo “eu não gosto de política”, ou um outro que fez algumas considerações sem muito conhecimento de causa. Então eu acho que naquela época tinha mais posicionamento.

L.K. – Tu poderias dar um relato do cotidiano da Escola? Não sei se tu ficavas muito na Escola por causa do teu cargo na universidade, mas o que tu vias, mais ou menos, no cotidiano dos alunos como estudante?

A.B. – Eu acho que era mais tranquilo. Eu acho que, a maioria dos meus colegas, tinha a condição sim de vir para Escola e passar o dia assim. Acredito que hoje a busca de uma condição de trabalho - até desculpa pela palavra - mas uma sobrevivência. A coisa está bastante, está bem mais difícil que naquela ocasião. Acho que as pessoas estão necessitando muito de trabalho, a coisa está mais corrida. Eu me recordo sim que meus

¹⁶ Nome sujeito a confirmação

¹⁷ Capital do Rio Grande do Sul

colegas tinham essa... Eu via eles como privilegiados de poderem passar mais tempo na Escola.

L.K. – Entrando na parte agora nos aspectos pedagógicos, aspectos de ensino aprendizagem dentro da Escola, como que tu vias as relações, como que eram as relações com professor aluno?

A.B. – Bom, a minha experiência com meus projetos - não sei se te fiz algum comentário a respeito - eu coordeno alguns projetos de natação, dois projetos de natação. Um deles é um projeto denominado “Natação aperfeiçoamento e condicionamento físico” e o outro projeto é de “Natação Aprendizagem” de sete aos doze anos. E o de “Aperfeiçoamento e Condicionamento” é dos doze até, enfim oitenta, noventa anos. Então o meu contato com bolsistas, com alunos que eu seleciono, passam por critérios de seleção e vêm trabalhar comigo nesses projetos. É um trabalho tanto quanto bonito, muito interessante os trabalhos porque a proposta dos projetos, ou de qualquer projeto de extensão na universidade, é de fazer sim que o aluno não fique tão somente com a informação teórica e, dentro da universidade, tenha uma vivência, uma experiência de cunho prático também. E atualmente, nos meus projetos, tenho hoje quase 300 alunos nos projetos, é um grande laboratório. Então é uma experiência ótima proporcionada para os alunos. Quanto a que tu me destaca é a questão?

L.K. – A relação pedagógica didática entre professor e aluno, essa relação entre teoria e prática que tu proporcionas aos teus orientandos, quando tu eras aluno tu via, tinha a mesma relação ou era diferente?

A.B. – Olha, eu acho que tinham mais, era um época de pós-ditadura, do pós-militarismo, dez anos. 82, 83, 84 foi muita dureza. Então isso foi seis, sete anos, oito anos depois de uma fase bem complicada. Mas tinha assim mais, era uma disciplina mais autoritária digamos assim. Como eu te falei da obrigatoriedade do uniforme. Não entrar na sala de aula, se tu chegar atrasado. Enfim, tinha o professor sempre tratado como senhor. Então hoje eu tenho com o meu grupo uma proposta de muita liberdade de expressão, muita conversa, mas te digo que proponho fazer a coisa bem disciplinada no bom sentido, mas com muita organização. Acho que os nossos encontros aqui, até para que a coisa seja

produtiva, é necessário que tenha um organização na fala. Se não vira muita “gandaia”. Mas acho assim, mais saudável a forma como é hoje, dar mais liberdade de expressão para as pessoas poderem se manifestar de uma maneira mais efetiva. Na época era mais delicado, eu vejo bem assim.

L.K. – Tu comentaste sobre teu trabalho na extensão, teria mais alguma coisa para acrescentar nessa questão da extensão?

A.B. – É, eu acho que, infelizmente, porque tem alguns projetos que aceitam o trabalho com bolsista voluntário. Eu tenho, dentro da minha experiência de estar coordenando esses projetos aqui a quinze anos mais ou menos, eu não fui muito feliz quando eu abri para bolsista voluntário. Mas tive maior convicção do mundo que, dentro da proposta da Universidade, que tem na sua base principal o ensino, a pesquisa e a extensão e entendo que a extensão e a pesquisa, as três, estão integradas, não tem como fragmentar. Então a extensão é, sem dúvida alguma, um grande espaço para que o aluno vá para o mercado de trabalho com uma condição de experiência disparada melhor do que o aluno que não teve essa vivência ou que não teve um trabalho de ordem mais prática na sua passagem na Universidade.

L.K. – Dentro da Escola, nesse período que tu está dentro na Escola, como tu vê a extensão?

A.B. - Eu vejo muito bem. Tem esse reconhecimento de que a extensão da ESEF é uma das mais fortes, se não a mais forte na Universidade, tanto a nível de quantidade de projetos quanto a nível de qualidade dos projetos, de resposta que os projetos oferecem a comunidade, das atividades são sempre apresentadas e muito bem apresentadas no salão de extensão da Universidade. Então acho sim, que a extensão da Escola teve um crescimento bem considerável. E acho também que um dos parâmetros que eu uso como referência para ver a qualidade dos projetos, não dá para negar a procura que existe pela comunidade em geral pelos projetos envolvidos pela nossa Escola. Tu vês seguido filas de pessoas virando noite atrás de... Para poder ter acesso a um dos projetos desenvolvidos na Escola. Eu vejo muito bem sim. Isso é graças a dedicação que a grande maioria tem pelo que faz e, sem

dúvida alguma, grande mérito também dos discentes que acabam se envolvendo com os projetos que tem um qualificação bastante diferenciada.

L.K. – Chegaste a trabalhar com pesquisa?

A.B. – Leon - voltando ao que te falei antes - ensino e a pesquisa, para mim, estão integradas porque, no momento em que tu tens um projeto de extensão, tu está trabalhando não somente uma aula para aquele aluno. De uma forma ou de outra, tu está estudando, tu está desenvolvendo diversas e inúmeras propostas e te cito como exemplo os meus projetos. Tu vê que interessante isso, justamente para caracterizar bem essa união de ensino, pesquisa e extensão. Eu, por uma questão de necessidade, comecei, nos projetos de natação, esse de aperfeiçoamento e condicionamento, comecei a fazer algumas avaliações e, entre elas, um controle, um senso [palavra inaudível]. Eu fiz no projeto e constatei que 15% - é o que diz a literatura a nível de Brasil - que 15% a 20% de uma população é de pessoas portadoras de hipertensão arterial. Então fiz esse levantamento, constatei que eu tenho, eu estou com 300 alunos, 30 a 40 alunos são portadores de hipertensão arterial. Então isso já é um ponto, um início de uma pesquisa. Um projeto tem essa busca de coisas que, de uma forma ou de outra, está no dia-a-dia, estudando, pensando algumas coisas de que te levam, que façam que tu estejas pesquisando. Então fiz esse levantamento e daí tu não pode só fazer um levantamento e não dar continuidade nele. Então me leva obrigatoriamente a fazer um estudo na melhoria do aluno que entrou hoje no projeto.

[FINAL DA FITA 110/01-A]

A.B. - Dando continuidade, já peguei alunos hipertensos, com uma pressão arterial de 20, 21 por 12, 13. Os caras chegam, sujeitos a quase explodirem. Então eu faço os devidos encaminhamentos e uma parceria com o LAPEX de fazer um teste ergométrico, consultar um cardiologista e aí sim, aí que eu te digo, que as coisas andam juntas. Eu sou obrigado a fazer um trabalho aonde eu analiso se esse sujeito, submetido a um atividade aquática, vai ter uma melhora do seu problema, entre elas da sua pressão arterial. Então é uma pesquisa que não é uma pesquisa oficializada, mas a gente está diariamente estudando e pesquisando vários pontos. E acho de fundamental importância também que esses projetos de extensão tem também uma condição de proporcionar para o cara que de fato tem uma necessidade,

aquele que vai fazer uma pesquisa mais efetiva, ele está pegando de mão beijada um grande laboratório montado. Então os projetos tem esse benefício para a pesquisa.

L.K. – Como tu é funcionário, vamos perguntar então algumas coisas organizacionais da Escola. Como e que tu vê a organização da Escola, departamento, comissões?

A.B. – Olha, eu vejo de uma forma muito boa. Acho que está com uma estrutura bem montada. Temos uma secretaria administrativa que funciona bem, essa idéia recente, de uns dez anos para cá, de montar as comissões de ensino, pesquisa e extensão, de terem esses setores, tendo um funcionamento mais efetivo. Porque antes, ficava um coordenador e não tinha um estrutura montada como é hoje. Então eu vejo uma evolução bem grande, o próprio CEME tem um estrutura própria. A Biblioteca, cabe até destacar que é um dos melhores acervos da Brasil. O LAPEX, um laboratório novo. Eu vejo a estrutura bem montada. Infelizmente nós acabamos nos deparando com a questão financeira. Não sei se tu sabes que o governo, no ano passado, era para nos passar oito mil reais por mês. Não pagou dois ou três meses e ficou em torno de seis mil reais por mês. Isso é uma coisa que... E considerando que nós temos uma estrutura de treze hectares, seis grandes prédios. Então é quase que nada. Voltando para os projetos de extensão, essa é uma forma que nós temos também de ter arrecadação, de levar para comunidade. A comunidade é atendida também de uma forma com bastante competência e financeiramente é viável para a comunidade em geral. Os projetos aqui... Nós temos uma proposta, uma mensalidade que é quase a metade do preço que é cobrada fora. A comunidade é favorecida e nós, a Escola também. Nós conseguimos arrecadação dos projetos aonde a gente consegue fazer algumas bem feitorias na Escola.

L.K. – Bom, e como tu viu, como tu participou de mobilizações de greves, paralisações. Como é que tu se comporta nesses momentos?

A.B. – Olha, eu não quero usar como desculpa o cargo que eu tenho, em hipótese alguma, até porque eu sempre fui um cara de linha de frente, como eu te disse, muito convicto com a proposta. Hoje estou um pouco desestimulado com o partido, mas sempre fui um cara que apostei muito, que o Brasil teria, que o país teria uma mudança para melhor. Tomara

que o Lula consiga traçar uma linha melhor no futuro, mas, desculpa... Voltando de novo para a pergunta, o que é?

L.K. – Sobre mobilizações, greves.

A.B. – Ah sim. Então eu não quero usar como argumento, como desculpa o cargo que eu tenho, mas eu tenho assim... O Centro Olímpico, entre outras funções, uma delas, a que eu tenho, é a responsabilidade sobre o Centro Natatório. Então eu sempre entendi que a gente tem que fazer um movimento com muita responsabilidade, sempre incentivei até com que a coisa acontecesse, mas alguém tem que ficar por trás dos bastidores para não deixar a coisa quebrar também. Então, no meu caso, aqui estou lidando com uma estrutura grande aonde, por exemplo, na piscina grande são 850 mil litros de água, a piscina pequena são quase 300 mil litros de água, tem toda uma estrutura por trás que não dá para gente pegar e dar um tiro no pé e deixar a coisa quebrar. Então esse foi um dos motivos de não fazer com que o movimento acontecesse, mas não deixava com que a coisa “degringolasse”.

L.K. – Para encerrar então, tem algum fato pitoresco que tenha acontecido na Escola que tu possas citar, que tu gostarias de falar?

A.B. – Um fato pitoresco, recordo, até dois. Um deles acho que foi em 1982, ou 1983, foi quando a Argentina teve aquela confusão com a Inglaterra, teve a guerra das Malvinas¹⁸ aqui. Eu me recordo que estava tendo aula na piscina pequena, a disciplina, eram quatro disciplinas que tinham na época, mas era natação um, dois, três e quatro. E, na natação um, estava na piscina, dentro da água, aula com o professor Jayme Werner Reis, o peixinho. E, naquela ocasião, um avião inglês passou - porque, me parece que, a aeronáutica deixava alguns aviões aqui em Canoas -, e um desses aviões quebrou a barreira do som encima do rio Guaíba ou perto da Lagoa dos Patos, não sei te dizer, e foi um estrondo tão grande que teve na cidade. Eu estava dentro da água e foi um estrondo tão grande que a água chegou a, sabe? Foi uma coisa bem interessante. Foi tão forte que eu me recordo que o professor Jayme desceu achando que até pudesse ter estourado uma das resistências da sala de máquinas. Essa foi uma situação bem interessante. Outra, me recordo também, que uma

¹⁸ Conflito armado entre a Argentina e o Reino Unido ocorrido nas Ilhas Malvinas entre os dias 2 de abril e 14 de junho de 1982

outra situação. A gente, eu estava tendo aula na piscina também e o peixinho era muito exigente, mas era muito exigente, a nível de [palavra inaudível] era uma coisa bem forte. E o professor Saul¹⁹, era da disciplina de ginástica olímpica, subiu para nas dependências da piscina para falar com o peixinho. Ele foi entrando, mas ele estava de tênis e, dentro das exigências do peixinho, não entrava ninguém lá em cima se não estivesse de chinelo. Aí o peixinho chamou a atenção do Saul: “Poxa [palavra inaudível] que é isso? De tênis aqui em cima. Vai sujar o piso”. E, como ele era da ginástica olímpica, ele pegou e fez uma parada de mão e foi até o professor Jayme para conversar com ele. Atravessou toda a extensão da piscina grande em parada de mão para conversar com ele.

L.K. – Então encerrando, muito obrigado professor.

A.B. – Estou à disposição sempre que precisar.

[FINAL DO DEPOIMENTO]

¹⁹ Nelson Rubens Saul